

## O Outro Lado do Paraíso : Ensaio sobre as mitologias da morte em um conto de Andersen

Livia Lopes Barbosa  
Universidade Federal do Pará

Je dois mourir pour renaître  
chaque matin à la rosée  
quand le ciel dans les yeux des bêtes  
semble venir se reposer

Je dois partir  
avant la tentation d'être un autre  
avant d'être châtré par les mains de la gloire  
je dois mourir pour être moi

Marc Alyn

Cruza as mãos sobre o joelho. ó companheira que eu  
[não tenho nem quero ter.  
Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio  
A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas.  
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti  
[própria  
- Tu que me conheces - quem eu sou...

Fernando Pessoa

### I - ABRINDO O PORTÃO

Dentre as questões que acompanham o homem em todos os tempos está, sem dúvida, a da morte e suas implicações. É assim que nos perguntamos: qual o sentido da vida? Por que nascer, esforçar-se por progredir, se tudo deverá um dia ser aniquilado? Ou tal aniquilamento não existiria, verdadeiramente? Se a única certeza que temos é a da morte, por que parecemos sempre tão despreparados

quando com ela deparamos?

Tais questões têm procurado respostas ao longo dos séculos, revestindo-se estas das mais variadas formas, proporcionais à maturidade intelectual e emocional do homem e às suas conquistas de ordem cultural. Entendemos, aqui, cultura, como as manifestações da produção humana, seja no plano físico e material ou no plano das idéias.

Em função dessas variadas gradações do progresso coletivo e individual, as hipóteses e propostas também são bastante diversificadas, algumas delas transformadas em crenças, não apenas no sentido religioso do termo, mas enquanto idéia justificadora, capaz de satisfazer à necessidade de conhecimento. Dessa maneira, surgiram explicações que, ao ganharem um caráter coletivo no seio de determinada comunidade, passaram a determinar, se não a influenciar, condutas e comportamentos individuais e sociais.

Ao lidar com uma realidade cujos contornos e implicações permanecem, por insuficiência de dados concretos, no terreno das conjecturas e do imponderável, como é o caso da morte - ou, mais especificamente, de seu sentido e das possibilidades de aniquilamento ou continuidade da vida sob outra forma - o homem apela para elementos simbólicos e, freqüentemente, fantasiosos, na tentativa de obter explicações que, se não satisfizerem a razão, possam, pelo menos, sob o ponto de vista psicológico e emocional, balizar uma estrada que se lhes afigura obscura e assustadora. Assistimos, então, ao nascimento dos mitos, nos vários estágios da humanidade. Esse é um dos conceitos com que passaremos a trabalhar: o de mito enquanto narrativa simbólica referente à cosmogonia, às forças da natureza e à condição humana.

Um segundo conceito, a ser igualmente utilizado aqui, no entanto, se impõe: o de mito enquanto idéia falsa, sem justificativa concreta baseada na realidade, transmitida em grande parte pelas tradições culturais, não-racionalizada, e que se enraíza sub-repticiamente, moldando idéias preconcebidas e estereótipos, de maneira tão sutil que, no mais das vezes, delas não nos damos conta e as consideramos como "naturais". Dentro desse mesmo conceito estão ainda boa parte de objetos culturais e rituais da civilização.

Tendemos a considerar o primeiro conceito de mito como um dado puramente histórico ou circunscrito aos povos ditos "incivilizados". Mas tal idéia, como veremos, cabe no segundo conceito de mito: a de uma falsa idéia que fazemos de nós mesmos, século da racionalidade e do cientificismo, como se esses traços presentes nas culturas antigas estivessem ausentes do homem de nossos dias. Isso é tanto mais patente quanto assistimos a uma verdadeira reascensão do misticismo e da "irracionalidade", manifestos não apenas sob a busca de novas formas religiosas como também no plano artístico, a exemplo da literatura, que tem conferido um novo vigor ao elemento fantástico.

O fenômeno da morte, por ser inerente à condição humana e permanecer sem respostas definitivas, continua, portanto, a inquietar-nos, a despertar-nos a curiosidade, impelindo-nos a renovadas questões. Ao lado da sede de saber, o desconhecimento do que se encontra além do limiar da extinção física, como tudo o que é ignorado, torna-se em geral fonte de ansiedade e temor. O que não impede que, apesar desse temor comum da morte, contraponha-se, por vezes, o fascínio que aquela parece exercer, contrariando o instinto de sobrevivência compartilhado pela maioria dos seres vivos: a possibilidade da fuga de uma existência que se afigura insuportável, seja esta fuga buscada deliberadamente ou no plano inconsciente.

Neste breve ensaio, procuramos comentar algumas das mitologias - dentro dos conceitos estabelecidos - que cercam a morte, a partir de um conto de Hans Christian Andersen : História da Mãe. Embora a personagem materna seja extremamente sugestiva sob a ótica do mito que cerca a maternidade, neste trabalho sua análise será limitada tão-somente a suas relações com a Morte. Do ponto de vista teórico, apoiamos-nos, principalmente, nas referências que exploram o plano simbólico, como os trabalhos de Cirlot, Chevalier & Gheerbrant e nos estudos de Marteau, Green e Sharman-Burke & Greene sobre as figuras arquetípicas do Tarô. Buscando ampliar e diversificar nossa abordagem, apoiamos-nos, igualmente, nos trabalhos de Menninger, Eliade e Kardec. Não temos, naturalmente, a pretensão de esgotar o assunto, muito menos a de trazer respostas prontas às grandes questões

que cercam o binômio morte e existência. Se, no entanto, tivermos contribuído, por pouco que seja, para uma reflexão mais ampla a esse respeito, este trabalho terá realizado seu objetivo.

## 2 - EROS E TÂNATOS ou AS DUAS FACES DA MOEDA

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.  
Fernando Pessoa

Qualquer tempo é tempo.  
A hora mesma da morte  
é hora de nascer.  
Carlos Drummond de Andrade

No conto de Andersen, numa noite de inverno, uma mãe vigia ao lado do berço do filho doente, temendo perdê-lo. Um velho bate à porta e pede abrigo. A mãe o recebe e, cansada, acaba por adormecer. Ao despertar, descobre que o velho, que não era outro senão a Morte, havia-lhe arrebatado o filho. Decide sair à procura de ambos, decidida a recuperar a criança, encontrando outras personagens que lhe fazem exigências em troca da informação quanto ao paradeiro da Morte. À custa de sacrifícios, a mãe acaba por encontrá-la e, graças aos esclarecimentos que aquela lhe presta, consente em renunciar ao filho em nome de uma sabedoria maior, a Sabedoria Divina.

Deparamo-nos, de imediato, com as figuras centrais deste conto, aparentemente opostas: de um lado, a Mãe, o Amor Materno e sua capacidade de doação e renúncia; de outro, a Morte, o fim, a ruptura, que, se não é explicitamente cruel e destrutiva, provoca sofrimento na Mãe ao tomar-lhe o filho amado. É necessário, no entanto, que nos detenhamos um pouco mais na apreciação das duas personagens, além da superfície:

A mãe, no sentido biológico, é aquela que empresta seu ventre à gestação de uma vida física. Ao ser fonte da vida, personifica a própria Vida, em oposição à Morte. Entretanto, ao dar vida ao filho, no instante mesmo da concepção, a mãe o expõe à contingência da morte, como todo ser material. Neste sentido, a mãe também é aquela que o dá à morte. E, sob esta ótica, também é a Morte. Mantendo o paralelo ambivalente, nascer é deixar o ventre da mãe; morrer é retornar ao ventre da terra (lembrando a citação bíblica de que do pó viemos e ao pó retornamos), que por sua vez é associada à figura materna em seu caráter de fertilidade. A mãe é a segurança, o calor, a alimentação, mas também pode ser a que limita e sufoca ao prolongar excessivamente seu papel de alimentadora e de guia.

Na mitologia indiana, a Mãe Divina, Kali, é representada como “uma mulher de aspecto hediondo, língua pendurada, ensanguentada, que dança sobre um cadáver. Como é possível que ela simbolize a Mãe Divina? Nesse símbolo do Terrível, explica Swami Siddheswarananda, nós não veneramos a violência nem a destruição, mas apreendemos, em uma visão sinótica de uma modalidade única, os três movimentos projetados em conjunto, formando a criação, a manutenção e a destruição. São os diferentes aspectos da experiência da vida. A Mãe Divina é, assim, a Força Vital Universal que se manifesta, e essa Força é o Princípio espiritual expresso em forma feminina”.<sup>1</sup>

A Mãe, ao ser representada externamente como a destruição e, simbolicamente, compreender esta última em seu bojo, é, todavia, em seu conjunto, paradoxalmente, a expressão da Força Vital Universal, donde se depreende que, se a vida traz em si a morte latente, a morte é igualmente uma forma de vida.

A mãe do conto de Andersen em momento algum é nomeada. É designada pelo papel que lhe cabe exercer - o da maternidade - assinalado por maiúscula, precedido de um artigo definido. Não se trata, como vemos, de uma mãe em particular, mas da própria idéia de mãe, da Mãe arquetípica, “primeira forma que toma para o indivíduo a experiência da alma, isto é, do inconsciente.”<sup>2</sup> Este, por sua vez, assume dois aspectos ou tendências construtivas e destrutivas do eu, que

Freud veio a chamar de instinto de vida e instinto de morte, respectivamente. Para ele, ambos estão em constante conflito e interação, criando e destruindo, em um verdadeiro “anabolismo e catabolismo da personalidade”<sup>3</sup>. Tais forças podem voltar-se para objetos externos ou contra o próprio eu, declarada ou disfarçadamente, com as mais variadas intensidades. Não nos parece demasiado, portanto, seguirmos o fio da idéia de que a Mãe-Vida é, simultaneamente, a Mãe-Morte.

No texto em estudo, o velho (a Morte) é recebido pela Mãe com um “canecão de cerveja” aquecida, em razão do frio do inverno. É interessante observarmos, acerca deste rito de hospitalidade, alguns aspectos que vêm enriquecer nossa linha de raciocínio: a Mãe não serviu uma bebida qualquer ao recém-chegado - ofereceu-lhe cerveja, a “beberagem da imortalidade”<sup>4</sup>; em outras palavras, alimentou a Morte com a própria vida eterna, reconhecendo-lhe o caráter de não-aniquilamento. Por outro lado, a Mãe não parece particularmente surpresa com a aparição do velho (embora “temendo que ele [o filho] morresse”), como se de certa forma o aguardasse ou pressentisse. Iguamente parece saber que o velho tem a resposta quanto ao destino do filho, o que se patenteia na questão a ele formulada acerca dos desígnios divinos:

“- Não crês que ficarei com ele? - perguntou ela. - Não crês que Deus Nosso Senhor não o irá tirar de mim?”

O velho, que era a Morte em pessoa, meneou a cabeça de maneira estranha, que tanto podia significar “sim” como “não”. A Mãe baixou os olhos e as lágrimas lhe correram pelas faces.<sup>5</sup>

As lágrimas vertidas pela Mãe não seriam um reconhecimento prévio do que estava por vir? E por já ter este conhecimento, não se confunde ela também com a Morte Sábia? Não esqueçamos tampouco que a Mãe aproxima o velho da lareira, que, se é símbolo da casa, do lar, também o é como centro da vida, por prover calor, luz e a preparação do alimento.<sup>6</sup>

“Lá fora a neve e o gelo tudo cobriam, e as rajadas de vento cortavam os rostos”, “era pleno inverno”<sup>7</sup>. O inverno, a neve, o gelo,

são conhecidas associações em relação à morte, em oposição ao “renascer da vida”, configurado pelo advento da primavera. O gelo “mata” a vegetação que, na verdade, aguarda “adormecida”, latente, o instante de desabrochar mais uma vez (do mesmo modo a criança dorme quando a morte a vem levar). Neste ambiente chega a Morte, transfigurada em velho (figura tradicionalmente sábia e cheia de experiência), cercada pelo vento, “sopro de Deus, espírito, portador de mensagens divinas”<sup>8</sup> e pelo frio, que implica “desejo de solidão ou de elevação”<sup>9</sup>. A Morte entra na casa, então, não exatamente como fator de desgraça, mas divina mensageira, portal para o progresso espiritual, através de uma outra forma de existência.

O conceito da Morte como elemento não de extinção, mas de transformação da vida, está presente em várias culturas da antiguidade<sup>10</sup>, remanescente, entre outros documentos de época, nas cartas do Tarô, cuja origem precisa não pode ser determinada, embora vários estudiosos apontem o Egito como origem provável. O Tarô constitui um conjunto de 78 lâminas, divididas em 22 Arcanos (“mistérios”) Maiores e 56 Arcanos Menores. Os últimos referem-se às questões mais materiais e imediatas da existência, enquanto os primeiros descrevem a trajetória do homem desde a sua criação até atingir o nível máximo de aperfeiçoamento espiritual. Por seu riquíssimo conteúdo simbólico e arquetípico, os Arcanos Maiores proporcionam valioso material para meditação acerca do caminho a ser percorrido pelo espírito em sua busca de elevação. Conta a tradição que os sábios egípcios, não desejando que os conhecimentos adquiridos por anos de estudo e reflexão fossem mal utilizados por pessoas despreparadas para absorvê-los de forma proveitosa, sintetizaram esses conhecimentos nos Arcanos Maiores do Tarô, garantindo que apenas os “iniciados” a eles tivessem acesso.

A Morte está representada na décima terceira lâmina do Tarô e, a respeito de seu significado, esclarece-nos Eden Gray:

“Existe transformação perpétua, um aspecto da qual é mortenascimento. A Morte é um protesto contra a estagnação - é através da morte que o social muda para que o melhor advenha e para que

velhas idéias cedam o lugar. É uma sugestão para trocar velhos conceitos por novos, modificar rígidos padrões intelectuais. Preconceitos mesquinhos, ambições e opiniões morrem gradualmente. A mudança da visão pessoal para a universal é tão radical que os místicos frequentemente a comparam à morte. Mas a Morte é a irmã gêmea da Vida. A Criação necessita de seu oposto - a destruição. Assim como o Espírito mergulha na matéria, ele precisa voltar a sua fonte. A Morte é a metade do Princípio Transformador Universal. Mas o Espírito é imortal; portanto a humanidade nunca poderá morrer, pois o Destruidor terá se tornado o Criador.<sup>11</sup>

Paul Marteau, em relação à figura da Morte no Tarô de Marselha, presta informações semelhantes. No sentido geral e abstrato, a lâmina

“ela significa transformação; ela simboliza o movimento, a passagem de um plano de vida para outro plano de vida. Ela é, no invisível, o oposto de sua imagem em nosso mundo, representando, de fato, a imobilidade na vida física e a marcha no além. [...] Em seu Sentido Elementar, a Lâmina XIII representa as modificações de estados de consciência do Homem que acompanham a passagem de um ciclo cumprido à entrada em um ciclo de natureza diferente.”<sup>12</sup>

No Tarô de Marselha, a Morte é a única lâmina não-nomeada (quando muito, designada por *Le Sans-Nom*, O Sem Nome). Marteau explica esta particularidade: a não-designação nominativa deve-se ao fato de, uma vez que a morte não existe, não se poder nomeá-la sem que lhe seja atribuída uma significação pejorativa. Seu verdadeiro sentido seria o de transmutação, mas como esta se encontra na origem da vida e a vida é, por sua vez, inexprimível, a lâmina permanece sem nome.<sup>13</sup>

No conto de Andersen, a Morte não-nomeada inicialmente (é apenas “o velho”) perde sua imagem terrível e assustadora, apresentando-se não só como ancião, cuja aparência faz com que seja acolhido (e não rejeitado, como seria de se esperar), mas também como aquele que se identifica e mesmo se confunde profundamente com a figura materna (Vida), “balançando o berço” da criança que

dorme<sup>14</sup>. À maneira da Morte do Tarô, a Morte do conto não pressagia extermínio, mas um prolongamento da vida metamorfoseada em uma nova dimensão: não é sugestiva a imagem do açafraão azul (em que se transformou o menino), a florescer em outro jardim?

### 3 - A LONGA JORNADA

Do eterno erro na eterna viagem,  
O mais que [exprime] na alma que ousa,  
É sempre nome, sempre linguagem,  
O véu e capa de uma outra cousa.

Nem que conheças de frente o Deus,  
Nem que o Eterno te dê a mão,  
Vês a verdade, rompes os véus,  
Tens mais caminhos que a solidão.

Fernando Pessoa

É muito comum nas narrativas míticas e populares, incluindo os contos de fadas, o tema da Viagem e, mais que viagem, o da jornada iniciática empreendida pelo herói ou heroína, em busca de objetos mágicos/sagrados ou de pessoas, visando sempre a uma finalidade mais abstrata: a aquisição de qualidades morais e psicológicas, que promovem aquele que as encontra a um patamar evolutivo mais alto.

Os exemplos são inúmeros: na mitologia grega, Heracles põe-se a serviço de um rei, partindo para a execução de doze trabalhos, como penitência voluntária, vagando da região dos Hiperbóreos ao reino de Hades, nos Infernos; na Idade Média, a conquista do Santo Graal é tentada por muitos e só efetivada por Sir Galahaad, o “cavaleiro de coração puro”; nos contos de fadas, é bastante recorrente a situação do herói que decide partir mundo afora, premido pelas circunstâncias ou por própria escolha, submetendo-se a provas várias até alcançar o estado ideal - é o caso de “O Pássaro de Fogo”, em que Ivan parte em busca da ave mágica, defrontando-se com vários obstáculos e desafios, inclusive com a perspectiva de domínio da morte.<sup>15</sup> Nos Arcanos

Maiores do Tarot, o começo da viagem é assinalado pela Lâmina do Louco<sup>16</sup>, que simboliza o Espírito quando de sua criação, simples e ignorante, que, para evoluir, necessita atravessar uma série de experiências nos planos material e espiritual, até atingir a plenitude simbolizada pelo Arcano XXI, o Mundo. Neste momento, sua viagem recomeça, pois a perfeição sendo infinita, pressupõe um eterno recomeço (eis a razão pela qual a Lâmina do Louco tem o número zero, assinalando a ausência de começo e de fim).

O conto de Andersen, embora não fazendo parte de narrativas folclóricas e populares, não é exceção à regra. Nele assistimos a uma certa forma de jornada iniciática: a da Mãe que parte rumo ao desconhecido da Morte, empreendendo vários sacrifícios na tentativa de recuperar o filho. Se seu objetivo primeiro é malogrado, no entanto a recompensa não é menor - seu esforço fez com que desenvolvesse o amor a um nível mais alto: o da renúncia em favor do ser amado, depurando-se espiritualmente.

A Mãe busca o filho, mas aparentemente é ela que se encontra na infância espiritual, necessitando atravessar provas várias, para que chegue a uma condição realmente adulta - a de aceitar a realidade da morte e a necessidade das separações. De início, infantilmente julgava-se capaz de, em nome do amor egoísta (o desejo de reter o filho eternamente a seu lado, mesmo vendo-o sofrer na doença, privando-o, por conseguinte, da glória do “paraíso”, ou seja, da recompensa pelo progresso espiritual a que o menino fez jus, através do sofrimento), iludir a própria Morte, única certeza do ser humano. Atitude que era “pensamento mágico” tentando furtar-se ao princípio de realidade e que, para “amadurecer”, precisava exercitar-se através de numerosos estágios de auto-renúncia até culminar na renúncia final e mais difícil - a de deixar o filho partir. Ao final da jornada, a Mãe nunca mais poderá ser a mesma: adulta, agora, terá incorporado para sempre as experiências vividas e a sabedoria delas decorrente.

A esse respeito, Mircea Eliade fala-nos dos ritos de iniciação por que passam os adolescentes entre os Karadjeri, na Austrália:

“O adolescente começa a ser aterrorizado por uma realidade

sobrenatural, cujo poder, autonomia, incomensurabilidade experimenta pela primeira vez - e, a seguir a este encontro com o terror divino, o neófito morre: fã-lo na infância, isto é, na ignorância e na irresponsabilidade. É por essa razão que a sua família se lamenta e chora: quando regressar da floresta, será outro, nunca mais será a criança que era antes. [...] atravessa uma série de provas iniciáticas que o forçam a defrontar o pavor, o sofrimento, a tortura, mas que, sobretudo, o obrigam a assumir um novo modo de ser, próprio de um adulto, isto é, que está condicionado pela revelação quase simultânea do sagrado, da morte e da sexualidade. [...] Digamos para já que, se o neófito morre na sua vida infantil, profana, não regenerada, para nascer numa nova existência, santificada - renasce igualmente num modo de ser que torna possíveis o conhecimento, a consciência, a sabedoria. O iniciado não é só um recém-nascido: é um homem que sabe, que conhece os mistérios, que teve revelações de ordem metafísica.<sup>17</sup>

Ao despertar, a Mãe dá-se conta de que o filho lhe fora levado. Despertar que sugere não apenas o do sono físico, mas um repentino deparar-se com a realidade que, até então, procurava esquecer. O tempo parece parar, neste momento de revelação súbita:

“A um canto, o velho relógio de parede soava, mas o grande peso de chumbo desceu até o chão, onde bateu com força, e o relógio parou.<sup>18</sup>

A Mãe tem o coração pesado como o pêndulo de chumbo, mas esta brusca anulação do tempo cronológico, mesclando passado, presente e futuro, poderia funcionar para ela como uma primeira mensagem - a da existência como um todo contínuo e cíclico, em que morte e vida física são etapas necessárias e alternadas da evolução:

“O Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra, e modificando as suas idéias. O estado corporal e o espiritual constituem a fonte de dois gêneros de progresso, pelos quais o Espírito tem de passar alternadamente, nas existências peculiares a cada um dos dois

mundos.<sup>19</sup>

A idéia de morte e vida como duas faces diferentes e complementares de um mesmo fenômeno já foram comentados no capítulo anterior, mas retomaremos dois exemplos significativos do texto: ao ser interpelado pela Mãe quanto ao fato de seu filho vir a morrer, o velho meneou a cabeça de maneira que tanto poderia significar “sim” como “não” (não haveria nesta hesitação não um desconhecimento da resposta, mas o resultado de uma má formulação da pergunta? Ou seja: “sim”, a criança morreria na aceção vulgar, a da morte física; e simultaneamente “não”, não morreria no sentido do aniquilamento, pois viria a cumprir outra fase de vida). Mais adiante, por ocasião do novo encontro (já na estufa de plantas) entre a Mãe e a Morte, esta diz à primeira:

“[...] verás todo o futuro delas [das flores que eram as pessoas na Terra], toda a sua vida humana, verás o que estavas prestes a destruir e arruinar.”<sup>20</sup>

É a “vida humana” a passível de ser destruída, numa implicação de que haveria uma outra, indestrutível.

Sem prestar ouvidos à indicação dada pelo relógio, a Mãe sai à rua e encontra a Noite. De vestes pretas, cor do luto na tradição ocidental, a Noite, mãe da morte e do sono<sup>21</sup>, prontifica-se a ensinar-lhe o caminho tomado pelo velho, à condição de ouvir as canções com que a Mãe embalava o menino. É o primeiro aprendizado da Mãe-criança em relação à maturidade: precisar adiar a própria urgência e desejos para obter a informação requerida.

Seguindo as instruções da Noite, a mãe toma pela direita<sup>22</sup> e penetra num pinheiral<sup>23</sup>, onde se vê diante de uma bifurcação e não mais sabe por onde seguir. Efetivamente, a escolha simbolizada pela encruzilhada é a própria situação em que se encontra a Mãe, dividida entre desejo e necessidade (reter/renunciar ao filho). Quem a tira do impasse é um arbusto espinhoso, que exige em troca da informação que a Mãe o abraça de maneira a aquecê-lo. Agora não se trata apenas do adiamento de objetivos, mas o próprio martírio pessoal que é exigido: do coração, sede da vida e da afetividade, deve derramar-se

o sangue vivificador sobre o arbusto enregelado, “[que] cobriu-se de folhas verdes, deu flores na fria noite de inverno, tal era o calor daquele magoado coração materno”<sup>24</sup>. Em seu martírio a Mãe aproxima-se do Cristo, igualmente coroado de espinhos, que derramou seu sangue (vida) por amor à humanidade. Nova lição: o sofrimento imposto a si mesma eleva e purifica quando vivido como doação a outrem e a dor pelo filho não deve embotá-la em um amor exclusivista. O arbusto também é a imaturidade (pequena árvore, árvore não desenvolvida) com que a Mãe deve se defrontar intimamente, de maneira a superá-la através do sacrifício pessoal.

A jornada prossegue. Depara com um grande lago, uma versão do Estige grego<sup>25</sup>, separando-a do terreno pretendido. Inicialmente propõe-se a uma tarefa impossível, esperançosa de um milagre: secá-lo, bebendo-lhe toda a água. Mas é o próprio lago que lhe tira tal esperança: o milagre não é fruto de mágica e está diretamente relacionado ao merecimento de quem o recebe. A Mãe ainda não está pronta para tal e é-lhe exigido mais um sacrifício, desta vez a própria mutilação - o lago prontifica-se a transportá-la para a outra margem se ela renunciar aos olhos<sup>26</sup>, “as pérolas<sup>27</sup> mais claras” que ele já vira. A Mãe consente, completando, desta maneira, o terceiro estágio de seu aprendizado: de posse da nova “visão”, da visão interior permitida pela cegueira física, a Mãe atravessa o lago e chega à estufa da Morte.

Ao encontrar com a velha que tomava conta da estufa, a Mãe pergunta como fazer para reconhecer o filho, já que não tinha mais olhos. A velha sugere-lhe que procure reconhecer as batidas do coração da criança, agora metamorfoseada em planta, em meio a milhões de outras plantas, o que a Mãe acaba por conseguir. Para instruções adicionais de como retomar o menino à Morte, a velha pede-lhe em pagamento os lindos cabelos negros, em troca dos seus, “brancos como a neve”. Considerando-se que as provas a que a Mãe tem se submetido têm vindo num crescendo em relação ao sacrifício (cantar, ferir-se, ficar cega) exigido, pergunta-se por que, subitamente, parece haver uma queda nessa gradação, uma vez que o corte de cabelos é uma prática automutiladora convencional, comum entre os povos civilizados.

A esse respeito, Karl Menninger faz sugestivas considerações:

O valor subjetivo inconsciente do gesto tem significações mais profundas: nas civilizações antigas, o corte dos cabelos assumia um caráter sacrificial, oferta dirigida aos deuses, que equivalia a uma substituição da pessoa inteira. Os índios americanos pareciam igualmente considerar a cabeleira como sede da vida, constituindo grave insulto tocá-la levemente. Mulheres peruanas, em vez de se jogarem na pira funerária dos maridos mortos, arremessavam os próprios cabelos cortados à pira, num “suicídio parcial”, substituindo o total. Diluído e disfarçado pelo processo civilizatório ainda está o caráter sexual dos cabelos, que pode adquirir contornos de verdadeiro fetiche, concentrando a área de prazer nessa parte isolada do corpo. De forma menos acentuada, encontramos a valorização social dos cabelos (pêlos como signo de virilidade, cabelos compridos como feminilidade, calvície como fonte de embaraço) e sua ritualização no ambiente dos salões de beleza, pormenores que atestam seu valor erótico inconsciente<sup>28</sup>. A perda de cabelos, à maneira da história de Sansão e Dalila, implica perda de “força”: perda do poder de atração, perda de seiva vital. Na situação do conto, portanto, mantém-se a gradação ascendente: após a perda dos olhos a Mãe consente em renunciar à juventude e à própria vida.

Chegamos à quarta e última etapa percorrida pela Mãe, perfazendo o número da universalidade, da totalidade<sup>29</sup>. Em japonês, a palavra shi (quatro) é também a mesma palavra para a morte. Quatro são os rios que saem do Éden (Gênesis, II: 10-14); quatro, número dos elementos (ar, fogo, água e terra), é o número de portas que o adepto da vida mística deve transpor, para sua ascensão, segundo os sufis e os dervixes. É, finalmente, o número da razão e do equilíbrio, da autoridade conquistada, simbolizados pela Lâmina IV do Tarô - O Imperador<sup>30</sup>. Chegando ao fim da jornada iniciatória, a Mãe reuniu a maturidade e demais qualidades necessárias ao encontro com a Morte, não necessariamente no sentido de vencê-la, mas de encará-la de frente, reconhecendo-a com clareza, desta vez.

Esta ida voluntária ao encontro da Morte e o martírio que isso

implica poderiam, a princípio, ser encarados como uma forma de suicídio. Kalina & Kovadloff esclarecem-nos acerca da etimologia do termo:

“Suicidar-se corresponde em latim a *se occidere*. A expressão provém do verbo transitivo *occido-cidi-cisum* que significa, primeiramente, cortar, esmigalhar, dividir em muitas partes, e, conseqüentemente, ferir mortalmente, matar.

Por outro lado, o verbo *occido-cidi-casum* (que só difere do anterior no participio passado) significa morrer. Do participio passado *occasum* se deriva a forma substantiva *occasus-a-um*, que quer dizer o caso, caída, ruína, decadência e, também, ocidente.

Reunindo as duas acepções latinas do vocábulo pode-se observar que, por um lado, o suicídio aparece como um movimento ou ação depressiva, como um desmoronamento ou decadência (*occasus*), e, por outro lado, como uma atomização ou fragmentação do si, do si mesmo, do Eu (*se occidere*).

Para que o suicídio sobrevenha é indispensável uma prévia “divisão em muitas partes” da personalidade, uma segmentação que possibilite o ataque de uma parte sobre outra. A psicose, etimologicamente, não é outra coisa que esta ruptura “em pedaços da alma”.<sup>31</sup>

A Mãe não só buscou a Morte como, nessa busca, mutilou-se, fragmentou-se, emocionalmente (adiamento da urgência do desejo, detendo-se para satisfazer ao pedido da Noite) e fisicamente (ferindo-se e cedendo partes do corpo). No entanto, sua motivação maior era o que pensava ser o bem do filho, o que valoriza socialmente e espiritualmente sua progressiva autodestruição, ganhando caráter de doação e heroísmo. Karl Menninger particulariza essa forma especial de suicídio por amor:

O heróico sacrifício de cientistas que voluntariamente se expõem a riscos fatais resultantes de pesquisa, patriotas que dão a vida pela liberdade, santos da igreja e outras pessoas que dão a vida pela sociedade ou por aqueles a quem amam geralmente não é considerado suicídio, porque a utilidade social do rumo escolhido [...] denota a

vitória dos elementos construtivos mais que dos elementos destrutivos da natureza da pessoa. [...] O mártir que domina inteiramente suas agressões e consegue redenção o faz em virtude de uma vitória de amor, final, embora cara.<sup>32</sup>

Por outro lado, o pseudo-suicídio da Mãe leva-a certamente a um outro tipo de morte: a de sua anterior maneira de pensar, fazendo-a “renascer” rumo a uma nova compreensão das dimensões da vida.

#### 4 - MUITO ALÉM DO JARDIM

O pássaro é livre  
na prisão do ar.  
O espírito é livre  
na prisão do corpo.  
Mas livre, bem livre,  
é só estar morto.

Carlos Drummond de Andrade

A estufa da Morte está cheia de plantas, cada uma representando uma vida na Terra. Cabe à Morte cuidar de todas, pois, como explica a velha ajudante, aquela é responsável por elas diante de Deus e nenhuma deve ser arrancada sem a permissão divina. A estufa é um local de espera, até o momento em que certas flores e árvores devem ser transplantadas “para o grande Jardim do Paraíso, na terra desconhecida”<sup>33</sup>.

Esse lugar, “onde flores e árvores cresciam em estranha promiscuidade”<sup>34</sup>, ainda não é a morada dos Eleitos, aproximando-se muito mais do plano terrestre, com suas virtudes e imperfeições, o que se depreende das naturezas dispare das espécies que povoam a estufa: há plantas decorativas (que perfumam e enfeitam) e plantas aquáticas (mergulhadas no meio original da vida primitiva, cingidas por animais rastejantes), plantas de grande porte e ervas humildes. Algumas delas são particularmente significativas, por ganharem, em várias culturas, uma dimensão simbólica<sup>35</sup>: na China, as peônias representam a riqueza

e a honra; o carvalho é associado às idéias de força, solidez, longevidade, no sentido material e espiritual; para os persas, as palmeiras simbolizam a terra celeste<sup>36</sup>. Em meio a essas plantas, destaca-se o açafão azul (a criança buscada pela Mãe), revestindo-se de um caráter todo especial: o açafão, cujo atributo é a sabedoria e cuja cor é o amarelo, aqui, é azul. O azul<sup>37</sup> é a mais imaterial das cores - simboliza a imortalidade, a eternidade, o desapego à matéria e o arremesso da alma em direção a Deus. Isso é muito sugestivo quando se pensa que essa planta é a atual representação do menino. A criança é símbolo de inocência, espontaneidade, simplicidade, pureza, símbolo do futuro, do novo<sup>38</sup>. Em Lucas, XVIII: 17, Jesus impõe a condição para o ingresso no reino celeste: “Em verdade vos digo, aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele”. O que parece ser uma injustiça dolorosa (morrer com tão pouca idade) se torna vantagem no acesso à terra divina.

Mas de que terra divina se fala? Em outras palavras, no que consiste o Paraíso, idéia tão recorrente quanto a da morte e tão antiga quanto ela? Por que nos referimos à nostalgia do paraíso perdido, como se todos guardássemos uma vaga lembrança do que parecemos pressentir mas não conhecer? Cotidianamente, usamos o termo para designar uma situação exterior ou interior a nós que nos provoca intensa felicidade, exaltação da alma ou bem-estar profundo e repousante. Entre as situações mais comuns estão a do repouso propriamente dito, em local apazível, e a de amar, tendo esse afeto correspondido. Diante da sensação inefável, procuramos descrevê-la com um conceito que para nós é igualmente obscuro em sua plenitude: “Estou no paraíso!” (desabafo sempre exclamativo, enfático, como se soubéssemos exatamente do que se trata).

Ao examinarmos algumas das idéias mais freqüentes relacionadas ao Paraíso, em sua maior parte estão vinculadas à alegoria do Jardim: no Gênesis, II:8-9, “o Senhor Deus tinha plantado no princípio um paraíso, ou jardim delicioso, no qual pôs o homem, que tinha formado. Tinha também o Senhor Deus feito nascer da terra todas as castas de árvores agradáveis à vista e cujo fruto era gostoso ao

paladar: e a árvore da vida no meio do paraíso, com a árvore da ciência do bem e do mal”; “as frescas pradarias que os regatos banham” da Eneida de Virgílio<sup>39</sup> não estão muito distantes do jardim reservado aos Eleitos prometido pelo Alcorão, sede da beatitude e da realidade última: “Esses serão os anfitriões do Jardim, onde habitarão como Imortais em recompensa do que fizeram na terra” (Alcorão, 46, 14)<sup>40</sup>. Ouçamos o que dizem, sobre isso, Chevalier & Gheerbrant:

“O claustro dos mosteiros, o jardim das casas muçulmanas, com sua fonte central, são imagens do Paraíso. Aliás, observa Abu Ya’ q’u Sejestani, *jannat* (o Paraíso) tem no bojo o termo persa que significa um jardim de árvores frutíferas, de plantas odoríferas, de riachos [...] Da mesma forma, os altos conhecimentos e os dons da Inteligência e da Alma são o jardim da clara percepção interior”<sup>41</sup>

O Paraíso como jardim também está presente em várias pinturas do Renascimento e, no século XV, teve uma de suas representações mais famosas no tríptico do pintor flamengo Hieronymus Bosch, *O Jardim da Delícias* - aí, Bosch figura não apenas o paraíso mas também as regiões infernais e, no primeiro, faz uma abordagem bastante materializada da região edênica (subvertendo a tradição da igreja católica e a imagem de espiritualidade), transformando-a em local de gozo das delícias sensuais e da liberdade imaginativa.

A acepção bíblica do Paraíso continua muito presente na cultura ocidental, que, embora reconhecido em seu caráter alegórico - o jardim, os anjos, a música celestial - ainda é visto fundamentalmente como um sítio específico, localizado, de refrigério e beleza, recompensa aos justos e aos contemplados com a graça divina. No século XIX, século do positivismo, aparece, no entanto, uma nova doutrina, o Espiritismo, que se propõe a examinar, a partir de informações dadas por espíritos desencarnados (isto é, já sem o corpo material, mas tendo vivido experiências na Terra) e à luz da razão, algumas dessas acepções consagradas pela tradição e pelo imaginário popular.

Entre as considerações que faz, o Espiritismo rejeita a idéia de uma única experiência terrena e, igualmente, a da morte como aniquilamento, pois que contraria o conceito da justiça divina. Nesta

primeira consideração está embutida a idéia do paraíso, pois lhe parece inconcebível (em razão daquela mesma justiça) admitir que não sejam dadas iguais oportunidades de progresso a todos os seres criados por Deus: a título de exemplo, como uma criança, morta dias após o nascimento, terá podido merecer tal ou tal condição, se não teve tempo para conquistá-la? Igualmente, de que maneira um alienado mental poderia exercer seu livre-arbítrio para poder merecer o “céu” ou o “inferno”? Daí se segue que as oportunidades reencarnatórias, para o Espiritismo, são várias, em cada uma o espírito podendo exercer e aperfeiçoar as próprias conquistas intelectuais e morais, sempre respondendo pelas conseqüências de seus atos, e, após a morte física, tais esforços continuam no plano espiritual<sup>42</sup>, não havendo lugar para a beatitude ociosa: os espíritos mais evoluídos têm como tarefa auxiliar na obra geral de progresso. A condição do espírito, após a morte física, estará, por conseguinte, na razão direta daquelas conquistas, consistindo nisso o “inferno” ou “paraíso” de cada um, que não é tópico, localizado, mas um estado interior:

“A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto. Ainda que juntos, um pode estar em trevas enquanto que tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão.

Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-nas eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da Terra, no meio dos encarnados, ou no Espaço”<sup>43</sup>

No conto em questão, a criança é uma flor que deve ser transplantada no Jardim do Paraíso (de acordo, portanto, com a mitologia que cerca a idéia de uma região de eleitos, após a morte); porém essa flor não é inacessível - a Mãe encontra-a, reconhece-a, toca-a: está viva, apenas sob outra forma. Mais ainda: vê-se diante da Morte, que é guardiã da vida (é aquela que cultiva as plantas, o “jardineiro” de Deus) e não é casualmente que esta lhe devolve os

olhos - é a Morte que abre a visão para a compreensão da vida, agora apreciada sob outro ângulo. Irresignada (porque lhe faltava o alargamento pleno da visão), a Mãe tenta subverter a ordem cíclica da vida, arrancando flores que lhe estavam ao alcance das mãos. É então que a Morte se transforma em mãe: sem rancor, como com uma criança desobediente porque não percebe o alcance de seus atos, não vence a Mãe à força e sim a conduz até um poço<sup>44</sup> para que veja (leia-se compreenda) por si mesma o que relutava em aceitar - que as coisas seguem um planejamento maior, nem sempre penetrado pelo ser humano limitado, mas sempre sábio. E deixa à Mãe, que agora vê, a escolha do destino do filho, sabedora de que a nova compreensão que a mulher havia adquirido em seu longo aprendizado permitiria a decisão mais justa.

## 5 - MANTENDO O PORTÃO ENTREABERTO

Tentamos, ao longo deste trabalho, estabelecer um modesto apanhado dentre as múltiplas idéias que o ser humano se faz acerca da morte, idéias moldadas, por sua vez, a partir de uma matéria-prima de composição complexa, eivada de conteúdo simbólico, da qual, na maioria das vezes, o homem não tem consciência. Em sua necessidade de explicar o desconhecido, quando a razão não mais lhe fornece respostas por carência de dados objetivos, acaba por recorrer à imaginação e às associações de fundo psicológico e emocional, seja criando alegorias, seja fabricando/absorvendo “idéias prontas” que acaba por aceitar como naturais e, por conseguinte, indiscutíveis. Tais idéias dividem-se basicamente em dois grupos: as que tecem frequentemente fantasias quanto às condições de uma vida pós-morte, tomando-a como ponto pacífico, ou as que repousam sobre a negação absoluta.

A posição dogmática, embora relativamente confortável - porque não admite contestações nem questionamentos - não sustenta um exame acurado e, no fundo, não satisfaz à sede de conhecimento. A atitude niilista tampouco é satisfatória nem propõe maior conforto - a perspectiva de aniquilamento parece absolutamente irracional por

carecer de sentido, sobretudo porque seria uma situação anômala diante da observação dos fenômenos naturais que seguem ciclos e passam por transformações incessantes.

Talvez a atitude mais sábia seja a do que pesquisa, a do que busca incansavelmente antes da aceitação passiva ou da negação radical. Em nossos dias, a questão da morte, da ausência ou existência de um princípio espiritual vai muito além das fronteiras da religião ou da filosofia, penetrando cada vez mais no campo de interesse da ciência, permitindo novos conceitos e a aquisição de novos conhecimentos: pesquisas avançadas, por exemplo, no campo da física, desmistificam a noção tradicional de matéria, hoje vista como condensação de energia.

Há de se atentar igualmente para o fato de que em várias doutrinas, seitas, religiões, em todos os tempos e em todas as partes do mundo, predomina a idéia (embora variando quanto à forma) da existência de um princípio espiritual que sobrevive à morte física. Alega-se que isso se deve à necessidade do homem de “domar” a morte, de escapar ao terror que provoca a perspectiva do nada, mais ainda que a da punição eterna - em outras palavras, uma “solução reasseguradora”. Examinando por outro ângulo, não seria igualmente razoável levantar a hipótese de que, em se tratando de uma idéia tão generalizada, isto teria origem num sentimento de “recordação”, algum tipo de registro atenuado de um fato real, ou seja, da continuidade da vida? É uma questão que também se impõe.

A partir de um conto de Andersen, (e muito provavelmente à revelia de suas intenções iniciais) pudemos identificar alguns pouquíssimos dos incontáveis traços de nossa herança cultural e espiritual: o temor da morte, o reconhecimento da morte como Outra forma de vida, o amor como único meio de lidar com a morte, nossa necessidade de compreendê-la e explicá-la, o aprendizado que a idéia de morte proporciona em relação à vida. Como habitante deste mundo, Andersen não teria podido furtar-se, ainda que o quisesse, a essa mesma herança, deixando-a transparecer em sua obra.

Não obstante o temor e as reticências que envolvem a idéia da

morte, paradoxalmente, a humanidade parece viver uma sede de destruição e de auto-aniquilamento. Com a exclusão das situações mais explícitas como a agressão direta, as guerras, os conflitos, o homem da atualidade tem cultivado uma forma de existência que consiste numa espécie de suicídio indireto, o que os argentinos Eduardo Kalina e Santiago Kovadloff, psiquiatra e filósofo, respectivamente, denominaram de “existência tóxica”:

Pertencemos a uma época que já legitimou culturalmente as condutas autodestrutivas. Os vícios que já legitimou culturalmente as condutas autodestrutivas. Os vícios socializados, a exploração irracional da natureza, a crescente objetualização do próximo e de si mesmo e o risco atômico figuram entre as dramáticas evidências de que o suicídio não apresenta, na atualidade, as características de excepcionalidade que pode ter tido em outros momentos históricos.<sup>45</sup>

Nas mitologias envolvendo a morte, aqui comentadas, há, na base da curiosidade e do temor do homem quanto ao que envolve o além-túmulo, o amor e o apego à existência, características que parecem diluir-se cada vez mais em nossa época, contrariamente ao que a hipertrofia do individualismo nos grandes centros urbanos poderia sugerir. Esperamos que este trabalho possa contribuir, um pouco que seja, para que a curiosidade incentive a busca de novas respostas e, principalmente, para que nos faça valorizar nosso estar-no-mundo, não o transformando num gradativo suicídio de nossas oportunidades de criação e aprendizagem.

## NOTAS

1 CHEVALIER & GHEERBRANT. Dicionário de Símbolos. pp. 580-1.

2 Ibidem, ib., p. 581.

3 MENNINGER, Karl. Eros e Tânatos. o homem contra si próprio. p. 21.

4 CHEVALIER..., op. cit., p. 223. Chevalier & Gheerbrant acrescentam a informação de que na América Equatorial e na Amazônia as cervejas de milho e mandioca, respectivamente, desempenham papel ritual importante até hoje. de uso indispensável nos ritos de passagem (e não seria um rito de passagem, simultâneo ao de hospitalidade, o gesto da Mãe do conto, ao oferecer a bebida àquela que inauguraria o filho em outro plano de vida?). tornando-se às vezes “o alimento único dos anciãos, i.e., dos sábios”. Naturalmente não se pode afirmar que essa teria sido a intenção de Andersen ao escolher a cerveja, no conto, como maneira de saudar o recém-chegado. Mas queríamos fazer atentar para outro aspecto: ainda que a cerveja fizesse parte das tradições de acolhida dinamarquesas, não poderia estar aí presente, na origem da tradição, essa aceção de imortalidade?

5 ANDERSEN, H. C. Contos de Andersen. pp. 384-5.

6 CHEVALIER ..., op. cit., pp. 336-7. Igualmente a lareira aparece, na descrição de Chevalier & Gheerbrant, como o “centro e umbigo do mundo”, o que nos remete, por nossa vez, ao comentário de Mircea ELIADE (O Mito do Eterno Retorno, pp. 30-1): “devido a sua situação no centro do Cosmos, o templo ou a cidade sagrada são sempre o ponto de encontro de três regiões cósmicas: Céu, Terra e Inferno. [...] O Paraíso onde Adão foi criado a partir do barro encontra-se, evidentemente, no centro do Cosmos.” A lareira, em sua simbologia de casa e de vida, sendo, também, centro do mundo, constitui ponto sagrado de acesso ao mundo espiritual que, seja caracterizado como Inferno ou como Paraíso, diz respeito à região para onde a morte conduz. No conto estudado, a Mãe faz a Morte acomodar-se junto ao próprio umbral que delimita os dois terrenos - o do mundo físico e o do mundo espiritual, talvez por saber que seu filho se encontra, naquele instante, no limiar dos dois mundos.

7 ANDERSEN, op. cit., p. 384.

8 CHEVALIER ..., op. cit., p. 936.

9 CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de Símbolos, p. 265. A aproximação do frio à necessidade de isolamento e de elevação é de Gaston Bachelard, citado por Cirlot.

10 Não apenas na antiguidade, mas em muitas sociedades arcaicas, assinala Mircea Eliade, “tem-se consciência da morte como parte integrante da vida. Em suma, isso quer dizer que a morte modifica o status ontológico do homem. A separação da alma e do corpo inaugura um novo modo de ser. A partir

dessa concepção. o homem é reduzido a uma existência espiritual; torna-se um espírito, uma alma." ELIADE, M. in *Ocultismo, Bruxarias e Correntes Culturais*, p. 43.

11 GRAY, Eden. *A Complete Guide to the Tarot*, p. 44. "There is perpetual transformation, one aspect of which is death-birth. Death is a protest against stagnation - it is by death that social changes for the better come to pass and old ideas give way[...] [It] is a suggestion to change old concepts for new, to change rigid intellectual patterns. Petty prejudices, ambitions, and opinions gradually die. The change from the personal to the universal view is so radical that mystics often compare it to death. But Death is the twin brother of Life. Creation necessitates its opposite - destruction. As Spirit descends into matter, so it must return to its source. Death is half of the Universal Transforming Principle. But Spirit is immortal; thus humanity can never die, for the Destroyer has become the Creator." (Trad. da Autora deste trabalho)

12 MARTEAU, Paul. *Le Tarot de Marseille*, p. 57-9. "signifie transformation, elle symbolise le mouvement, le passage d'un plan de vie dans un autre plan de vie. Elle est, dans l'invisible, l'opposition de son image dans notre monde, représentant, en effet, l'immobilité dans la vie physique et celui de la marche dans l'au-delà. [...] Dans son Sens Élémentaire, la lame XIII représente les changements d'états de conscience de l'Homme qui accompagnent le passage d'un cycle accompli à l'entrée dans un cycle de nature différente." (Trad. da Autora)

13 MARTEAU, PAUL. *Le Tarot de Marseille*, p. 59.

14 ANDERSEN, op. cit., p. 384.

15 Na versão tcheca (*Os Mais Belos Contos de Fadas Tchecos*, p. 13), Ivan aprende o segredo da água da vida e da água da morte através de um velho abutre (ave também tradicionalmente associada à morte, por devorar cadáveres). Em outras versões, um rei ambicioso tenta servir-se das águas de que apenas Ivan sabe utilizar-se: o velho rei ouve falar que, alguém morto e depois ressuscitado por intermédio da água da vida, resultaria mais jovem e mais belo. Mas o soberano ignorava a ordem correta da utilização das águas e acaba por morrer definitivamente. A implicação é óbvia: o rei, como "não-iniciado", não está preparado, como Ivan (que, ao submeter-se a provas várias, depurou-se), para lidar com os mistérios da vida e da morte e acaba por sucumbir vítima de sua própria inferioridade espiritual (a vaidade).

16 GRAY, op. cit., p. 18.

17 ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*, pp. 167-8. Na mesma obra, cap. IX, "Mistérios e Regeneração Espiritual", item "Significado Iniciático do Sofrimento" (p. 176), ELIADE complementa a idéia já exposta: "A conclusão que se impõe é, pois, a seguinte: os sofrimentos, tanto físicos como psíquicos, são comparados às torturas indispensáveis a qualquer iniciação; a

doença era valorizada entre os primitivos como conseqüência de uma eleição sobrenatural, era portanto considerada uma prova iniciática - era necessário 'morrer' de qualquer coisa para poder renascer. isto é curar-se: morria-se para o estado em que se estava antes, morria-se para a condição profana; o que se curava era outro, um recém-nascido, no nosso caso, um xamane, um místico."

18 ANDERSEN, op. cit., p. 385.

19 KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*, p. 33.

20 ANDERSEN, op. cit., p. 389. Grifo meu.

21 CHEVALIER ..., op. cit., pp. 639-40.

22 *Ibidem*, ib., 341-2. Em várias culturas a direita é associada à retidão, à elevação, à correção, simbolizando a esquerda elementos contrários a esses. Não esqueçamos que o termo "sinistro", em português, vem do latim sinister, esquerda. Para os gregos e celtas, os sinais vindos da direita eram de bom presságio e os da esquerda, de mau agouro. Do mesmo modo, nas alegorias cristãs, "a esquerda é a direção do inferno; a direita, do paraíso." Na parábola de Cristo, a direita é igualmente o lado para o qual passarão os Eleitos.

23 No Extremo Oriente, os pinheiros eram símbolo de imortalidade e poder vital. Entre os gregos, eterno retorno da vegetação e, em geral, da vida (CHEVALIER & GHEERBRANT, op. cit., p. 718-9). Sendo árvores que não perdem as folhas e mantêm-se verdes no inverno, é fácil perceber a associação. Em nosso conto, a Mãe embrenha-se em um pinheiral e é interessante constatar que, na busca da Morte, ela toma o caminho da vida.

24 ANDERSEN, op. cit., p. 386

25 SHARMAN-BURKE, J. & GREENE, L. *O Tarô Mitológico*, p. 71. O Estige, cujo significado é "odiado", era o rio subterrâneo que demarcava as fronteiras do reino de Hades, deus dos Infernos. Entre os ritos gregos da morte, estava o da moeda de ouro na boca do defunto, de maneira a pagar a travessia desse rio, sob pena de, não o fazendo, perambular para sempre em suas praias. O poder de Hades era tão grande, que até os deuses celebravam votos e juramentos no Estige, cujas águas de veneno mortal ao mesmo tempo conferiam imortalidade. "Era considerado denso, perigoso e proibido porque representa um estágio que devemos atravessar para atingir o âmago do mundo das trevas. Esse momento de dor e luto é fundamental para a vida, tal como a alegria e as festas." Juan-Eduardo CIRLOT, in *Dicionário de Símbolos*, p. 33. manifesta-se quanto ao significado do Lago, que simboliza o misterioso, o oculto. Por sua profundidade (abismo) e latência de formas de vida (água), é também associado à alma humana. Em sua superfície, aproxima-se do espelho que, por sua vez, vincula-se à idéia de imagem, consciência, revelação. Para os irlandeses e bretões, o país dos mortos está no fundo dos oceanos e dos lagos.

26 Em várias culturas, os olhos são símbolos da percepção não apenas visual.

mas da espiritual. Os esquimós, por exemplo, referem-se ao clarividente, ao xamã, como “aquele que tem olhos” (CHEVALIER ..., op. cit., pp.653-5). Olhar é não apenas ver, mas conhecer, compreender, além de, “como os dentes, [ser] barreira defensiva do indivíduo contra o mundo circundante.” (CIRLOT, op. cit., p. 427). Poderíamos acrescentar a esses comentários a figura do adivinho Tirésias, cego, que realizou as previsões acerca de Édipo. Mesmo este último, ao ganhar consciência do que havia involuntariamente cometido, furou os próprios olhos: cego para o mundo, através da automutilação, poderia estar apto para “ver” melhor aquilo para o qual sempre estivera cego - as deformações de seu espírito já anunciadas pelo próprio nome (Édipo, em grego, significa “pé inchado”, ou seja, o que não caminha de forma equilibrada). Igualmente na Bíblia, “O teu olho é a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será luminoso. Mas se o teu olho for mau, todo o teu corpo estará em trevas.” (Mateus, VI:22-23); “E se o teu olho direito te serve de escândalo, arranca-o, e lança-o fora de ti: porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado ao inferno.” (Mateus, V:29). [grifo meu. Para comentários acerca das simbologias ligadas ao lado direito, ver nota 22] Em Andersen, a Mãe parece perder os olhos materiais para adquirir essa visão interior dos clarividentes - ao fechar-se para o mundo imediato e familiar, tem acesso a uma outra dimensão de conhecimento.

27 CHEVALIER ..., op. cit., pp. 711-2. No Oriente, depositada em um túmulo, a pérola tem a propriedade de regenerar os mortos, inserindo-os num ritmo cósmico e cíclico, pressupondo nascimento, vida, morte e renascimento. “Ela simboliza a sublimação dos instintos, a espiritualização da matéria, [...] o termo brilhante da evolução.”

28 MENNINGER, op. cit., pp. 248-51. A título de ilustração, transcrevemos ainda o seguinte: “Viajantes egípcios [...] não cortavam os cabelos até o fim de uma viagem e depois raspavam a cabeça como oferenda de agradecimento ao seu deus. Jovens gregos ofereciam seus cabelos ao rio local quando se tornavam adultos. [...] Na Arábia e na Síria era costume cortar os cabelos como um rito de puberdade. Esse costume foi também seguido em Roma, onde os cabelos eram dedicados a alguma divindade padroeira.” Podemos citar ainda uma prática que esteve há algum tempo atrás em voga, a de conservar mechas dos cabelos dos seres amados em medalhões ou em quadros, numa substituição da pessoa. Em feitiçaria, igualmente, usa-se mechas da pessoa visada, com fins encantatórios.

29 CHEVALIER ..., op. cit., pp. 759-61.

30 GRAY, op. cit., p. 26.

31 KALINA, E. & KOVADLOFF, S., in *As Cerimônias da Destruição*, p. 34

32 MENNINGER, op. cit., p. 91.

33 ANDERSEN, op. cit., pp. 388-9.

34 Ibidem, ib., p. 387.

35 CHEVALIER ..., op. cit., pp. 195 e 708.

36 CIRLOT, op. cit., p. 443.

37 CHEVALIER ..., op. cit., pp. 10 e 107-10.

38 CIRLOT, p. 378. Na dimensão simbólica, sonha-se com um menino quando uma grande metamorfose espiritual vai-se produzir favoravelmente. Em Assim Falava Zaratustra, Nietzsche vê o menino como a etapa em que o ancião se transforma, no futuro, ganhando nova simplicidade.

39 ARIÈS, Philippe, in *O Homem Diante da Morte*, p. 27.

40 CHEVALIER ..., op. cit., p. 514.

41 Ibidem, ib., p. 512.

42 Ver nota 19.

43 KARDEC, op. cit., p. 30.

44 CHEVALIER ..., op. cit., 726-7. “O poço se reveste de um caráter sagrado em todas as tradições: ele realiza uma espécie de síntese de três ordens cósmicas: céu, terra, infernos; de três elementos: a água, a terra e o ar; ele é uma via vital de comunicação. É, também, ele próprio, um microcosmo, ou síntese cósmica.” O poço é visto igualmente como fonte de conhecimento e verdade (profundidade). Victor Hugo escreve, citado por CHEVALIER & GHEERBRANT: “O profundo espelho sombrio está no interior do homem. Lá está o claro-escuro terrível... Debruçando-nos sobre esse poço, aí percebemos, a uma distância de abismo, dentro de um círculo estreito, o mundo imenso.” CIRLOT, op. cit., p. 466, faz ainda atentar para o fato de que o poço, no simbolismo cristão, é associado à salvação.

45 KALINA, E. & KOVADLOFF, S., op. cit., p. 24. Grifos dos autores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, Hans Christian. *Contos de Andersen*. Trad. do dinamarquês de Guttorm Hanssen. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- ARIÈS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, 2 v.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 3a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- DENIS, Léon. *Depois da Morte*. Trad. João Lourenço de Souza. 9a. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1958.
- ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Trad. Samuel Soares. Lisboa: Ed. 70, Col. Perspectivas do Homem, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Mito do Eterno Retorno*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Ed. 70, Col. Perspectivas do Homem, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Ocultismo, Bruxaria e Correntes Culturais, Ensaio em Religiões Comparadas*. Trad. Noeme da Piedade Lima Kingl. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- GRAY, Eden. *A Complete Guide to the Tarot*. New York: Bantam Books, 9th printing, 1980.

- KALINA, Eduardo & KOVADLOFF, Santiago. *As Cerimônias da Destruição*. Trad. Sonia Alberti. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Trad. Manuel Justiniano Quintão. Rio de Janeiro: FEB, 23a. ed., 1976.
- \_\_\_\_\_. "O Livro dos Espíritos" in *Obras Completas*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Opus, 1985.
- MAIS BELOS CONTOS DE FADAS TCHECOS, OS. Trad. Manuel R. da Silva e Alfredo Ferreira. 5a. ed. Rio de Janeiro: Vecchi, 1966.
- MARTEAU, Paul. *Le Tarot de Marseille*. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1984.
- MENNINGER, Karl. *Eros e Tânatos, o homem contra si próprio*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1970.
- SHARMAN-BURKE, Juliet & GREENE, Liz. *O Tarô Mitológico*. Trad. Anna Maria Dalle Luche. 2a. ed. São Paulo: Siciliano, 1989.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento Entre os Gregos*. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

## 7 - ANEXO - Conto Estudado

## HISTÓRIA DA MÃE

A Mãe estava sentada junto à cabeceira do filhinho, muito triste e apreensiva, temendo que ele morresse. A criança estava pálida, de olhinhos fechados, e respirava fracamente, às vezes com um profundo suspiro, que fazia a Mãe fitá-lo ainda mais aflita.

Bateram à porta e entrou um homem velho e pobre, embrulhado numa espécie de grande gualdrapa, que o aquecia, e de que ele muito precisava, pois era pleno inverno. Lá fora a neve e o gelo tudo cobriam, e as rajadas de vento cortavam os rostos.

O velho tremia de frio e, como a criança tivesse adormecido por um momento, a Mãe levantou-se, encheu um canecão de cerveja e colocou-o junto ao fogo, na lareira, para aquecer. O velho ficou sentado, balançando o berço, e a Mãe sentou-se na cadeira, ao pé dele. O velho fitou o menino doente, que respirava com muitas dificuldade, e ergueu-lhe a mãozinha.

- Não crês que ficarei com ele? - perguntou ela. - Não crês que Deus Nosso Senhor não o irá tirar de mim?

O velho, que era a Morte em pessoa, meneou a cabeça de maneira estranha, que tanto podia significar “sim” como “não”. A Mãe baixou os olhos e as lágrimas lhe correram pelas faces. Sentiu a cabeça pesada, pois não pregara olho em três noites seguidas, e adormeceu. O cochilo durou apenas um instante. Ela despertou num sobressalto, tremendo de frio.

- Que é isso?! - exclamou, olhando para todos os lados.

O homem desaparecera, e também a criança. Ele a levava. A um canto, o velho relógio de parede soava, mas o grande peso de chumbo desceu até o chão, onde bateu com força, e o relógio parou.

A pobre Mãe saiu correndo da casa, gritando por seu filho.

Lá fora, uma mulher de longas vestes pretas estava sentada no meio da neve.

- A Morte esteve em teu quarto - disse ela. - Vi-a sair, apressada, levando teu filhinho. E ela tomou - pediu a Mãe. - Dize-me o caminho e eu saberei encontrá-la.

- Conheço o caminho - disse a mulher das vestes pretas. - Mas se pueres que o ensine, terás, primeiro, de cantar para mim todas as canções que cantavas para teu filho. Gosto de ouvi-las, já as ouvi antes. Sou a Noite, e vi correr tuas lágrimas enquanto cantavas.

- Cantarei todas, todas - disse a Mãe. - Mas não me detenhas, pois preciso alcançar a Morte e encontrar meu filho.

A Noite, porém, continuou em silêncio. Então a Mãe torceu as mãos, cantou e chorou. Eram muitas as canções, e mais ainda as lágrimas.

- Toma pela direita - disse finalmente a Noite. - Penetra no escuro pinheiral. Foi por lá que vi a Morte passar, levando tua criancinha.

A Mãe tomou o rumo indicado. No mais profundo do pinheiral, o caminho se bifurcava, e ela não sabia mais para que lado ir. Junto aos dois caminhos havia um arbusto espinhoso, sem folhas nem flores, pois era em pleno inverno, e os galhos estavam revestidos de gelo.

- Não viste a Morte passar por aqui com o meu filhinho? - perguntou a Mãe.

- Vi - respondeu o arbusto. - Mas só te direi que caminho ela seguiu, se me aqueceres junto ao teu coração. Estou morrendo de frio, estou virando gelo.

A Mãe apertou o arbusto espinhoso de encontro ao peito, com toda a força, para que ele se aquecesse bem. Os espinhos penetraram-lhe na carne, e seu sangue fluíu em grandes gotas. O arbusto, porém, brotou, cobriu-se de folhas verdes, deu flores na fria noite de inverno, tal era o calor daquele magoado coração materno. E o arbusto espinhoso indicou-lhe o caminho que ela devia seguir.

A Mãe chegou então a um grande lago, onde não se via nenhum navio ou barco. O lago não estava bastante congelado para poder aguentá-la, nem era suficientemente raso nem livre de gelo para que ela pudesse vadeá-lo. Todavia, tinha de atravessá-lo, se quisesse encontrar seu filho. Ela abaixou-se, para beber toda a água do lago.

Era coisa impossível para um ser humano, mas a Mãe angustiada imaginava que pudesse ocorrer um milagre.

- Nunca o conseguirá - disse o lago. - É melhor fazermos um trato. Eu gosto de colecionar pérolas, e teus olhos são as duas pérolas mais claras que já vi. Se quiseres chorar até que eles caiam em mim, te carregarei para o outro lado, para a grande estufa onde mora a Morte e onde ela cuida de flores e árvores que representam vidas humanas.

- Tudo darei para chegar até onde está meu filho! - respondeu a Mãe aflita, em pranto.

E chorou ainda mais, chorou até seus olhos caírem ao fundo do lago, onde se transformaram em duas preciosas pérolas. O lago, então, carregou-a, como se ela estivesse sentada num balanço, e ela foi até a margem oposta. Erguia-se lá uma casa esquisita, de uma milha de largura. Não se poderia dizer ao certo se era uma montanha com matas e cavernas ou se era uma parede de tábuas. No entanto, a pobre Mãe nada via, pois perdera os olhos, chorando.

- Onde acharei a Morte, que levou meu filhinho? - perguntou.

- Aqui ela ainda não chegou - respondeu a velha que cuidava da grande estufa da Morte. - Como pudeste achar o caminho que vem até aqui? Quem te ajudou?

- Deus Nosso Senhor me ajudou - disse a Mãe. - Ele é misericordioso e tu também o serás. Onde poderei encontrar meu filho?

- Não o conheço - disse a mulher. - E tu és cega, não enxergas. Muitas flores e árvores murcharam esta noite. A Morte não tardará a vir para transplantá-las. Deves saber que cada pessoa tem sua árvore da vida ou sua flor, conforme sua índole. Elas se parecem com as plantas comuns, mas têm um coração que pulsa. Também o coração das crianças bate! Guia-te pelas batidas. Talvez reconheças o coração do teu filho. O que me dás, porém, para eu te explicar o que ainda terás que fazer?

- Nada mais tenho para dar - disse a Mãe entristecida. - Mas por ti irei até o fim do mundo.

- Nada tenho a fazer por lá - respondeu a velha. - Mas podes dar-me teus longos cabelos pretos. Como deves saber, são muito belos.

Em troca receberás os meus cabelos brancos. Sempre é alguma coisa.

- Se outra coisa não pedes - disse a Mãe - t'os darei com prazer.

A Mãe deu-lhe os seus lindos cabelos pretos e recebeu em troca os da velha, brancos como a neve.

Entraram assim na grande estufada Morte, onde flores e árvores cresciam em estranha promiscuidade. Havia delicados jacintos, embaixo de redomas de vidro, muito grandes, que os protegiam; havia vigorosas peônias; medravam plantas aquáticas, algumas muito viçosas, outras raquíticas, e nestas se enroscavam cobras-d'água, enquanto caranguejos negros lhes cingiam as hastes com as pinças; havia lindas palmeiras, carvalhos e plátanos, havia salsa e tomilho em flor. Cada árvore e cada flor tinha nome, cada uma era uma vida humana. As respectivas pessoas ainda viviam, uma na China, outras na Groenlândia, espalhadas pelo vasto mundo. Havia grandes árvores em pequenos vasos, apertadas num espaço exíguo e em ponto de arrebentar o vaso, e havia também umas minúsculas e insignificantes plantinhas, em terra muito fértil, coberta de musgo, mimadas e bem cuidadas. A Mãe angustiada curvou-se sobre todas as plantas e ouviu bater dentro delas corações humanos, e, entre os milhões deles, reconheceu o de seu filho.

- Aqui está! - gritou, e estendeu a mão para um pequeno açafraão azul, que pendia triste e murcho.

- Não toques na flor! - disse a velha. - Fica aqui, e, quando a Morte vier (espero-a a todo momento), não a deixes arrancar a flor. Ameace-a, por sua vez, de arrancar as outras flores. Ela então ficará com medo, pois é responsável por elas perante Deus: nenhuma delas deve ser arrancada sem a permissão divina.

De repente, uma rajada gélida atravessou o espaço, e a Mãe cega sentiu que a Morte acabara de chegar.

- Como achaste o caminho até aqui? - perguntou a Morte. - Como pudeste chegar mais depressa do que eu?

- Sou a Mãe - disse ela.

A Morte estendeu a longa mão para a pequenina e delicada flor de açafraão. A Mãe, porém, cobriu a flor com as mãos, bem de

perto, embora com medo de tocar uma de suas pétalas. A Morte, porém, soprou-lhe as mãos, e ela sentiu um frio mais intenso que o do vento hibernal, e suas mãos tombaram, sem forças.

- É inútil... Nada podes fazer contra mim - disse a Morte.

- Mas Deus o poderá - respondeu a Mãe.

- Só faço o que Deus quer - disse a Morte. - Sou o seu Jardineiro. Tomo suas flores e suas árvores e as transplanto para o grande Jardim do Paraíso, na terra desconhecida. Não ousou, porém, dizer-te como crescem ali e o que lá se passa.

- Devolve-me meu filho! - pediu a Mãe.

- Chorou e implorou, e, de repente, agarrou duas lindas flores, uma em cada mão.

- Vou arrancar todas as tuas flores! - gritou para a Morte. - Vou arrancá-las, pois estou desesperada.

- Não as toques! - disse a Morte. - Proclamas que és desgraçada, e queres, agora, tornar outra mãe tão desgraçada como tu...

- Outra mãe! - gemeu a pobre mulher.

E logo soltou as duas flores.

- Aí tens teus olhos - disse a Morte. - Pesquei-os no lago, onde brilhavam com grande intensidade. Eu nem sabia que eram os teus. Toma-os de novo. Estão agora mais claros do que antes. Olha, depois, no interior daquele poço fundo, logo ali adiante. Vou dizer-te os nomes das duas flores que quiseste arrancar, e verás todo o futuro delas, toda a sua vida humana, verás o que estavas prestes a destruir e a arruinar.

A mulher olhou o fundo do poço. Era uma ventura ver como uma das vidas se tornava uma bênção para o mundo, ver quanta felicidade e alegria se desdobrava ao seu redor. E ela viu a outra vida, repleta de penas e atribuições, de terror e de miséria.

Uma e outra são resultado da vontade de Deus - disse a Morte.

- Qual delas é a flor da desgraça, e qual a da ventura?

- Não o posso dizer - respondeu a Morte. - Dir-te-ei apenas que uma das duas flores era a de teu próprio filho. Viste o destino de

teu filho, o seu futuro...

Aí a Mãe gritou de susto.

- Qual delas era a do meu filho? Dize-me! Liberta o inocente. Livra meu filho de toda a miséria! Leva-o, será melhor. Leva-o ao reino de Deus! Esquece minhas lágrimas, minhas súplicas, tudo quanto eu disse ou fiz!

- Não te entendo - retrucou a Morte. - Queres teu filho de volta, ou queres que eu o leve para o lugar que não conheces?

A Mãe torceu as mãos, caiu de joelhos.

- Não me ouças! - suplicou a Deus. - Se o que te peço é contra Tua vontade, que é sábia, não me ouças! Não me ouças!

E baixou, contrita, a cabeça.

Então a Morte se afastou, levando o seu filho para a terra desconhecida.

Hans Christian Andersen in *Contos de Andersen*